

## HISTÓRIA DE UMA ALMA

Coleção **CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO**

---

- *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
- *História de uma alma*, Santa Teresinha
- *Obras completas*, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face
- *Revelações do amor divino*, Juliana De Norwich
- *Sermões*, Santo Antônio
- *Sermões*, São Bernardo de Claraval
- *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*,  
São Luís Maria Grignon de Montfort

SANTA TERESA DO MENINO JESUS  
E DA SAGRADA FACE

# HISTÓRIA DE UMA ALMA

Manuscritos autobiográficos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Teresa do Menino Jesus, santa, 1873-1897.  
História de uma alma: manuscritos autobiográficos / Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face [tradução das Religiosas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e de santa Teresinha].  
— São Paulo: Paulus, 1986. Coleção Clássicos do cristianismo.

ISBN 978-85-349-0456-8

1. Carmelitas (Freiras) 2. Espiritualidade 3. Misticismo  
4. Teresa do Menino Jesus, Santa, 1873-1897 5. Vida espiritual I. Título. II. Série.

CDD-282.092  
-248.22  
-244.4

86-1055 - 271.96

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Carmelitas: Freiras: ordens religiosas femininas 271.971
2. Espiritualidade: Religião cristã 284.4
3. Misticismo: experiência religiosa: Cristianismo 248.22
4. Santas: Igreja católica: Biografia e obra 282.092
5. Vida espiritual: Religião cristã 248.4

Título original

*Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus et de la Sainte Face, Histoire d'une Âme.*  
*Manuscrits autobiographiques*  
© Editions du Cerf, Desclée-Brouwer, Paris, 1972

Tradução

*Religiosas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e de Santa Teresinha,*  
Cotia, São Paulo

Editoração, impressão e acabamento  
PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções: [paulus.com.br/cadastro](http://paulus.com.br/cadastro)  
Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 1978 (simples)  
33ª reimpressão, 2019  
2ª edição, 2002 (bolso)  
3ª edição, 2019 (luxo)

© PAULUS – 1978

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-0456-8 (simples)  
ISBN 978-85-349-1973-9 (bolso)  
ISBN 978-85-349-4889-0 (luxo)

## CRITÉRIOS ADOTADOS NA PRESENTE EDIÇÃO\*

Por ocasião do Centenário de Teresa de Lisieux, desejou-se, de todos os lados, uma nova edição dos *Manuscritos Autobiográficos*, a qual, conservando seu rigor científico, correspondesse aos desejos do leitor comum e se apresentasse na forma de uma biografia de Teresa, o que antigamente representava a *História de uma Alma*. Associando, deliberadamente, os dois títulos, a equipe organizadora do presente volume<sup>1</sup> leva em conta esta dupla exigência:

— fidelidade ao texto autêntico, produzido pela pena de Teresa, e pacientemente reconstituído em seu teor original, graças às pesquisas críticas do Padre Francisco de Santa Maria, editor dos *Manuscrits autobiographiques* (1956);

— fidelidade ao esquema da primeira edição de *l'Histoire d'une Ame* (1898), concebida pela Madre Inês de Jesus como uma biografia completa de Teresa, posta ao alcance de qualquer leitor.

\* Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face, HISTOIRE D'UNE AME, *Manuscrits autobiographiques*, Editions du Cerf et Desclée De Brouwer, 1972. — Nota das Tradutoras.

<sup>1</sup> Essa Equipe é a que trabalha na edição crítica, dita edição do "Centenário"; cf. *Derniers Entretiens de Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus et de la Sainte-Face* (Cerf et Desclée De Brouwer (1971) e a *Correspondance générale* (1972).

## TEXTO

### Fonte

Reproduz o texto, com toda a exaçoão, o mesmo dos *Manuscripts autobiographiques*, isto é, dos três cadernos, nos quais a Santa consignou em três anos diferentes suas reminiscências e suas reflexões:

*Manuscrito A*, redigido por Teresa entre o começo de janeiro de 1895 e 20 de janeiro de 1896, a pedido de sua irmã Paulina, então Priora do Carmelo de Lisieux. Trata-se de reminiscências de infância, com o título: *História Primavera de uma Florinha Branca, escrita por ela mesma, e dedicada à Reverenda Madre Inês de Jesus*.

*Manuscrito B*, composto de duas partes: uma “elevação” de alma a Jesus, escrita a 8 de setembro de 1896, e uma carta à Irmã Maria do Sagrado Coração (sua irmã Maria), à guisa de prólogo do presente escrito, e redigida entre 13 e 16 de setembro de 1896.

*Manuscrito C*, caderno dedicado à Madre Maria de Gonzaga — feita de novo priora em 1896 — redigido em junho de 1897. É um complemento das reminiscências de Teresa a respeito de sua vida religiosa, evocada muito de relance no Manuscrito A, e alonga-se sobre as exigências da caridade fraterna, que a Santa nesse mesmo ano redescobriu em profundidade.

## TRANSCRIÇÃO

Retoma a composição tipográfica aquela mesma da edição manual dos *Manuscripts autobiographiques* (1957). Basta mencionar os critérios então adotados pelo Padre Francisco:

“Utilizando vários corpos de caracteres, tentou-se dar aqui uma interpretação tipográfica, tão fiel quanto possível,

das particularidades manuscritas: maiúsculas, sublinhações, grifos, negritos, distribuição de parágrafos etc. Tarefa difícil, em se tratando de um escrito tão espontâneo e por vezes tão imaginativo, como esse de Teresa; tarefa, porém, que era preciso encetar<sup>2</sup> (...), pois corresponde à forma de linguagem viva, qual é a da autobiografia de Santa Teresa”. (*Introdução*, p. XII.)

“Em alguns tópicos, muito raros, a pontuação foi corrigida (. . .). Um texto que se destina ao povo em geral, à leitura, e à meditação, deve absolutamente conservar-se legível. Esta é também a razão, pela qual, mantidas as incorreções de estilo e sintaxe, se corrigiram evidentes erros de ortografia. Aos que desejarem estudar, de modo especial, a ortografia de Teresa, sempre será possível recorrer aos fac-símiles”. (*Introdução*, p. XX.)

#### APRESENTAÇÃO

Com os três cadernos de sua irmãzinha, como ponto de partida, soube Madre Inês de Jesus elaborar uma biografia coordenada, a *Histoire d'une Ame*, demonstrando verdadeiro talento editorial. Recorreu, nesse intuito, a várias operações:

- refundir o próprio texto, mediante acréscimos, cortes, classificações, sem se falar de inúmeros retoques de forma;
- distribuir o texto teresiano em onze capítulos;
- inserir um prólogo, que evoque as origens da família, e um epílogo, que descreva a doença e a morte;
- acrescentar, finalmente, orações, excertos de cartas, e poesias seletas.

<sup>2</sup> O Padre Francisco de Santa Maria estava consciente do aspecto arbitrário, inerente a tais convenções, por exemplo, para levar em conta os vários tipos de escrita, sublinhações etc. Tinha em vista uma edição ulterior que frisasse mais de perto as particularidades gráficas dos Manuscritos (cf. sua nota crítica, pp. XX-XXI, edição francesa de 1957). A nova transcrição tipográfica só será viável depois da reedição crítica, dentro dos moldes da Edição do Centenário.

A primeira destas operações, refundição do texto, resultava de uma determinação expressa de Teresa<sup>3</sup>. Profundas afinidades espirituais com a irmã possibilitaram à Madre Inês desincumbir-se da tarefa, sem trair a substância da mensagem teresiana. No entanto, alguns meses antes de morrer, aceitava, em princípio, um retorno aos manuscritos originais<sup>4</sup>.

No restante, suas iniciativas conservam-se válidas. Houve, portanto, a possibilidade de inspirar-nos nela para a apresentação do presente volume, sem nenhuma alteração do texto da autobiografia.

#### DIVISÃO EM CAPÍTULOS

Os três manuscritos foram redistribuídos em onze capítulos: o Manuscrito A fornece a matéria dos oito primeiros; o Manuscrito B, a do IX; o Manuscrito C, a dos capítulos X e XI.

A ordem das matérias segue aquela que a Madre Inês de Jesus tinha adotado. Sem embargo, o Manuscrito B, colocado no fim do volume pelas edições anteriores, recupera aqui sua sequência cronológica.

Propõem-se epígrafes para cada capítulo. Descritivas, em sua maioria, tendem a enuclear o assunto dominante, sem pretensão de lhe exaurir todo o conteúdo. Por simples

<sup>3</sup>“Minha Madre, tudo o que achardes bom cortar ou acrescentar no caderno de minha vida, *sou eu quem o corta, e quem o acrescenta. Lembrai-vos disto mais tarde*, e não tenhais nenhum escrúpulo, nenhuma dúvida a tal respeito” (*Cahiers verts*, 11 de julho de 1897; cf. *Derniers Entretiens, Annexes*, p. 164).

<sup>4</sup> Nesse sentido, encarregou a Irmã Genoveva da Sagrada Face (Celina): “Era a 2 de novembro de 1950, pormenoriza esta última. Falava eu à nossa veneranda ‘Mãezinha’ a respeito do manuscrito que deveria ser editado na íntegra. Respondeu-me ela: ‘Encarrego-te de fazê-lo em meu nome, depois da minha morte’”.



artifício literário — aliás, usurpado à Madre Inês — menciona-se no início do capítulo II a morte da Sra. Martin, ocorrida em Alençon.

#### COMPLEMENTOS BIOGRÁFICOS

O critério de “biografia completa” postulava uma nova redação do *Prólogo* e do *Epílogo*. Levando em devida conta os mais recentes dados da história teresiana, mormente da edição crítica dos *Derniers Entretiens*, foram ambos concebidos numa formulação muito singela, a mais homogênea possível com o estilo da autobiografia<sup>5</sup>.

De outro lado, certas passagens inexistentes nos manuscritos originais, e de fresco interpoladas pela Madre Inês em *l’Histoire d’une Ame*, mereciam uma recuperação como parte integrante do patrimônio teresiano. Grande número delas formavam como que um eco das conversas entre as duas irmãs na enfermaria do Carmelo<sup>6</sup>, quando a futura “historiadora”<sup>7</sup> se preparava para sua tarefa, completando sua informação. Nos moldes da presente edição, o critério foi ater-se aos elementos biográficos mais ponderáveis. Apontados, em sua altura cronológica, por um sinal de rodapé, esses elementos “próprios” figuram como anotações.

<sup>5</sup> Esses textos são de Guido Gaucher, O.C.D.

<sup>6</sup> Cf. *Novissima Verba*: “Se achardes bom (...) acrescentar o que vos teria dito à viva voz, é como se eu mesma o fizesse” (nov. Verb. 16. 7. 2., paralelos ao texto citado na nota 3 supra). — A respeito dessa colaboração que se delineava já em vida de Teresa, cf. o Padre Francisco de Santa Maria, em sua *Introdução* de 1956: cap. IV, “O pensamento de Teresa no que toca à publicação”; cap. V, “A missão confiada à Madre Inês de Jesus” (Mss I, pp. 64-74). Em presença de algumas testemunhas Madre Inês qualificará como que “ditados” por Teresa os tópicos interpolados em *l’Histoire d’une Ame*, cf. por exemplo: A. Combes, *De doctrina spirituali sanctae Theresiae a Iesu Infante*, Laterani, 1967, p. 89 n. 26.

<sup>7</sup> “Para serdes minha ‘historiadora’, deveis manter-vos com isenção” (*Carnet jaune*, 29.7.7., *Derniers Entretiens*, p. 286).

## TÍTULOS CORRIDOS

Para facilitar a consulta da obra, especifica-se o conteúdo por títulos corridos (senhas).

No fim do volume, recapitula o índice de matérias os subtítulos dos sumários.

## CRONOLOGIA

Tentou-se um esforço de esclarecimento no plano cronológico. Ostenta-se em dois níveis:

— encimando a página direita, menção da data, todas as vezes que se possa determinar com certeza. Em caso de dúvida, deixa de figurar. Assim acontece com a visão profética de 1879 ou 1880 (Ms. A, fl. 20/21); a exposição de Teresa não fornece elementos para decidir, e nenhum dado extrínseco foi capaz de esclarecer esse ponto até a data de hoje. Caso idêntico de omissão seria, quando uma recente tomada de dados exigisse longas motivações, fora de propósito para a presente edição;

— apresentando, no final da obra, uma cronologia atualizada.

## ANOTAÇÕES

Marcadas com sinais em numeração contínua para cada capítulo, foram as notas colocadas no fim do volume\*. Compreendem:

— referências bíblicas, e indicações de outras fontes (Teresa de Ávila, João da Cruz etc.);

— passagens próprias da *Histoire d'une Ame* (edição francesa de 1953), consideradas como complementações biográficas. Consta ali um apanhado da história da pecadora, o

\* Por motivos de ordem prática, preferimos deixá-las, como na primeira edição, no rodapé do próprio texto. *As Tradutoras*.

que torna dispensável reproduzir em apêndice a narração na íntegra, como aconteceu na edição manual dos *Manuscrits autobiographiques* (pp. 321-322);

— anotações redigidas pela Madre Inês nos dois calepinos, onde tinha copiado para seu próprio uso o texto dos cadernos autobiográficos de sua irmã<sup>8</sup>;

— explicações indispensáveis para a compreensão do texto.

Na presente edição, não se conservou o registro das notas críticas. Bem estabelecidos, atualmente, pela edição do Padre Francisco de Santa Maria, esses elementos estão ao alcance dos pesquisadores no volume II da edição fac-símile dos *Manuscrits autobiographiques*. Serão novamente aproveitados e desenvolvidos na próxima edição crítica dos Manuscritos (Edição do Centenário).

\* \* \*

Dois meses antes de morrer, Teresa relia, a pedido da Madre Inês de Jesus, algumas páginas de suas reminiscências de infância. Com lágrimas nos olhos, faz uma pausa de repente: “O que releio neste caderno mostra tão bem o que é a minha alma!... Minha Madre, estas páginas farão grande bem. Depois, ficará melhor conhecida a doçura do Bom Deus<sup>9</sup> ... Para experimentar essa ternura divina é convidado cada um dos leitores de a *História de uma Alma*.

<sup>8</sup>Dois cadernos de capa dura, de couro amarelo, formato 17x12 cm. Conta o primeiro 285 páginas manuscritas. O segundo contém a parte final da autobiografia (pp. 286 a 537) e outros textos diversos. A Madre Inês terminou de copiar em 28 de março de 1936.

<sup>9</sup>*Novissima Verba*, 1º de agosto; cf. *Derniers Entretiens, Annexes*, p. 229.



## PRÓLOGO

*“Nada é tão cheio de mistério como as silenciosas preparações que esperam pelo homem desde o limiar de cada vida. Tudo vem a termo, antes de completarmos nossos doze anos” (Péguy).*

*No que diz respeito a Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, tudo veio realmente a termo só aos trinta de setembro de 1897, quando ela, minada pela tuberculose, expirou na enfermaria do Carmelo de Lisieux, com a idade de vinte e quatro anos e nove meses.*

*Sem embargo, por ela também falava Péguy, seu contemporâneo, se é verdade que um destino se arraiga num solo, numa época, numa família, e que se torna tributário de uma hereditariedade, de uma história. Ninguém é ilha. Teresa não desceu do céu, como se fosse um anjo. Nasceu em chão normando, na dependência de seus maiores e de sua terra.*

*Antes que o mundo universo celebrasse Santa Teresa de Lisieux e seu caminho de infância, existiu uma criança: Teresa Martin, de Alençon.*

*Ela é exatamente o misterioso fruto daquelas preparações silenciosas. Tivessem seus pais seguido cada qual o pendor de seu coração, “a maior Santa dos tempos modernos” não teria chegado à luz da existência.*

\* \* \*

*Oriundo de uma família de militares, criado dentro da caserna durante guarnições sucessivas (Avinhão, Estras-*

burgo) Luís Martin, nascido em Bordéus aos 22 de agosto de 1823, conheceu a vida de acampamento, foi criado sob a recordação da lenda napoleônica, muito embora tenha seu pai aderido ao exército realista por ocasião dos Cem Dias. Promovido a capitão no tempo da Restauração, o futuro avô de Teresa teve sua reforma como militar em Alençon, no ano de 1830<sup>1</sup>.

Ordeiro, metódico, de gênio solitário e propenso à meditação, seu filho Luís aprendeu relojoaria, ofício que requer paciência e exatidão. Aos vinte e dois anos, aspira a uma vida mais solitária ainda, e apresenta-se como postulante no Grande Mosteiro de São Bernardo. Como não soubesse latim, foi recusado. Depois de ter permanecido em Paris, estabelece-se como relojoeiro em Alençon. Mora com os pais, à rua da Ponte Nova. Leva oito anos uma vida quase monástica, atestada de trabalho, oração, leitura, pescaria — passatempo de sua predileção — e convivência de amigos no Círculo Católico.

Centro principal do Orne, Alençon conta então com 13600 habitantes. Lugarejo pacato, enche as medidas deste homem tranquilo, e deve sua fama à habilidade de suas rendadeiras, que expedem a famosa renda de Alençon para toda a França, mormente para Paris, onde um luxo exagerado encobre a labilidade do Império.

Zélia Guérin, nascida aos 23 de dezembro de 1831 em família de origem rural, foi também acalentada por reminiscências de guerra, pois que seu pai tomou parte em Wagram, e terminou a carreira entre os gendarmes. Em 1844, retirou-se igualmente para Alençon, à rua São Brás n° 36, defronte à Prefeitura.

Criada por um pai autoritário, e por uma mãe que lhe não demonstrava afeição, Zélia escreverá um dia ao irmão: “Minha infância, minha juventude foram merencórias, qual um sudário, pois enquanto minha mãe te fazia mimos, para

<sup>1</sup> Cf. a genealogia da família Martin na p. 21.

*comigo, como bem o sabes, era rigorosa demais; tive, por isso, muita mágoa no coração” (Correspondência de família, 7-11-1865).*

*Transferirá sua afeição a esse irmão Isidoro, estudante de farmácia, e à mana Luísa, sua confidente, que mais tarde entrará na Visitação de Mans, e tomará o nome de Irmã Maria Dositeia. Com eles manterá até a morte uma correspondência, em que dá a conhecer seu temperamento inquieto, por vezes melancólico, mas também seu natural vivo, ardente no trabalho, sua fé a toda prova, seu bom senso, até seu bom humor.*

*Assim como Luís Martin, pensa na vida religiosa. Como ele, sofre uma recusa categórica, quando pede admissão entre as freiras do Hospital de Alençon. Dedicar-se então a fazer renda de Alençon, e com a ajuda da mana abre uma “loja” por própria conta. Habilidade para o trabalho, sair-se-á bem, no pleno sentido da palavra.*

\* \* \*

*Os dois excluídos da vida religiosa, o relojoeiro de trinta e cinco anos e a rendeira de vinte e sete, vieram a encontrar-se casualmente, e, após curto noivado, casaram-se na Igreja de Nossa Senhora, aos 13 de julho de 1858.*

*Domiciliados à rua da Ponte Nova, por sugestão de Luís, mas de comum acordo, viveram os primeiros dez meses como irmão e irmã. A intervenção de um confessor fê-los mudar de ideia, a ponto de nesse lar nascerem nove filhos, de 1860 a 1873.*

*“Eu por mim tenho verdadeira paixão por filhos. Nasci para tê-los, mas dentro em breve chegará o tempo em que isso acabe. Dia vinte e três deste mês farei quarenta e um anos, é idade em que a gente se torna avó!”, escreverá antes do nascimento de sua última filha: Teresa (18-12-1872).*

*Vingaram apenas cinco filhas. Naquela época, não estava debelada a mortalidade infantil. De saúde precária, a Sra. Martin, minada de câncer no seio, que só em 1876 se*

*revelou incurável, resigna-se, não sem hesitações, a confiar sua quinta filha e os filhos seguintes aos cuidados de amas de leite, mais ou menos conscienciosas.*

*Durante quinze anos, houve alternância de nascimentos e óbitos. Teve de presenciar a morte de dois meninos e duas meninas, entre as quais a cativante Helena, de cinco anos de idade.*

*“Depois que perdi essa filha, sinto ardente desejo de tornar a vê-la”, escreve a mamãe. “Não obstante, os que continuam vivos, precisam de mim, e, por causa deles, peço ao Bom Deus me deixe na terra alguns anos ainda. Senti muita saudade dos meus dois filhinhos, mas a perda dessa filha causou-me maior pesar ainda. Começava a ter minhas alegrias com ela, era tão mimosa, tão meiga, tão viçosa para sua idade! Não passa um minuto do dia, sem que me venha a lembrança dela” (27-3-1870).*

*A Guerra de 1870 e suas consequências — a obrigação de aboletar nove soldados alemães — não interrompem o crescimento da família e sua ascensão social à pequena burguesia, possibilitada pela labuta incessante da mãe, que levanta cedo e deita tarde, ajudada então pelo marido, que vendera a relojoaria e joalheria. Os Martin mudam de moradia, e estabelecem-se à rua São Brás, na mesma casa que ainda agora pode ser visitada.*

*Dá-se a primazia à vida em família. Só se sentem felizes quando todos estão reunidos. Maria, a mais velha, predileta do pai, e Paulina, viva e travessa, confidente da mãe, confinam-se regularmente na Visitação de Mans. No entanto, as duas pensionistas vivem ali felizes, sob o olhar vigilante da tia Dositeia que comunica à mãe seus progressos escolares, seu procedimento, e dá opinião a respeito de seus temperamentos bem diferentes. Cada vez, porém, que chegam as férias, há explosões de alegria, e cada vez que recomeçam as aulas, torrentes de lágrimas.*

*Somente a “coitada da Leônia”, menos prendada, enfermiça, constitui uma preocupação constante para a mãe,*



enquanto Celina, a “afoita”, não demorará a tornar-se inseparável de Teresa, a última, pequenina.

Passeios até o “Pavilhão” ou até as várzeas normandas, idas ao Semallé, encontros com a família do tio Guérin, boticário estabelecido em Lisieux, viagens por estrada de ferro para visitar a tia religiosa em Mans, calarão no ânimo das crianças Martin, que por toda a vida se lembrarão dessas singelas alegrias. Os sete óbitos que enlutam a família no período de 1859 a 1870 — três avós, além dos filhos — não arrefecem o ardor afetivo que congrega seus componentes. Muito pelo contrário.

O que a personalidade do pai poderia ter de austero e rígido, é contrabalançado por uma indulgente bondade para com o ruidoso gineceu, que lhe transtorna o gosto pelo silêncio e tranquilidade. Por outro lado, não desdenha animar os serões de família, recitando autores em voga — românticos — cantando com boa voz cantigas de antanho, fabricando minúsculos brinquedos para o encanto das filhas.

Preocupada, por vezes, com o futuro (sentindo a diminuição de forças), a mãe governa a casa com uma “coragem verdadeiramente incrível e prodigiosa. Que mulher forte! A adversidade não a dobra, nem a prosperidade a torna arrogante”, escreve a irmã (25-10-1868). Seu realismo, a vivacidade de sua franqueza, a delicadeza de sua afeição, fazem dela a alma da casa.

Na família Martin domina uma fé sólida, que vê Deus em todos os acontecimentos, e que lhe rende culto incessante: oração em família, missas matinais, comunhão frequente — raridades numa época em que o jansenismo continuava com suas devastações — vésperas dominicais, retiros espirituais. Toda a vida segue o ritmo do ciclo litúrgico, das peregrinações, do escrupuloso acatamento aos jejuns e abstinências ...

Não há, entretanto, nenhuma exaltação ou demasia fanática nessa família, que desconhece o formalismo. Sabe pôr mãos à obra, pois recolhe e alimenta crianças abandonadas, pessoas desabrigadas, pessoas na extrema velhice. De suas

*curtas noites tomava Zélia Martin o tempo necessário para ser enfermeira de uma empregada da casa. O Sr. Martin expõe-se a situações arriscadas, quando se trata de alguma diligência a favor de desafortunados, de uma ajuda a algum epilético ou moribundo. As crianças aprendem a acatar dignidade do pobre.*

*A mãe gosta de ver as filhas bem trajadas, e na ocasião que a Irmã Maria Dositeia se preocupa, por saber que Maria — com dezesseis anos — se diverte em companhia de mocinhas da mesma idade, Zélia reage: “Será preciso embiocar-se numa clausura? No mundo, não podemos viver como bichos do mato. Em tudo quanto a “santa criatura” nos fala, temos que fazer uma ou outra restrição” (12-11-1876).*

\* \* \*

*Grávida de quatro meses, anuncia aos Guérin “um acontecimento que provavelmente se dará no fim do ano” de 1872, e que por então somente a ela tocava: “Espero que a criança venha a bom termo”. Esta é a primeira alusão à existência daquela, a quem já davam o nome de “Teresinha”, em recordação de outra Teresa, falecida poucos meses antes.*

*Eis a fausta notícia: “Nasceu minha filhinha ontem, quinta-feira, às 11 horas e meia da noite. É bastante robusta e muito saudável. Dizem-me que pesa oito libras: Reduzamos isso a seis, o que não deixa de ser bastante. Tem uma aparência muito graciosa. Sofri só meia hora, o que antes senti não é de se levar em conta. Amanhã, sábado, será batizada, e para que a festa seja completa não faltará senão a presença de todos vocês. Madrinha será Maria, com um menino quase na idade dela, como padrinho” (3-1-1873).*

*Tudo se fará como a Sra. Martin o tinha comunicado. Um único imprevisto: o bilhete entregue à rua São Brás por uma criança, no qual o pai tinha escrito o seguinte poemeto:*

*“Sorri, e põe-te a crescer!  
À felicidade, tudo te convida:*

*Carinhosas atenções, carinhosa afeição.  
Sim, sorri ao encontro da Aurora!  
Botão, que acabas de abrir,  
Um dia Rosa serás!” \**

*Todavia, logo depois de nascer, Maria Francisca Teresa Martin entra em contato com o sofrimento. Aos quinze dias de idade, escapou de morrer de enterite aguda. Com três meses, um alarme mais pesado ainda: “Está muito mal, e de modo algum tenho esperança de salvá-la. Desde ontem, a coitadinha sofre horripelmente. Corta o coração vê-la assim” (1-3-1873).*

*A crise foi superada, mas obrigou a mãe, por indicação do médico, a separar-se de Teresa, para a confiar a uma ama de leite, sua amiga. Amamentada, um ano, pela robusta e expedita Rosa Taillé, a pequena levará uma vida de campônia. Em Semallé, o “rechonchudo bebê, amorenado pelo sol”, adquire o gosto de viver ao ar livre, entre flores e animais. “Sua ama de leite transporta-a em carrinho de mão, por sobre as medas de feno. Ela quase nunca grita. Diz a “Rosinha” não ser possível deitar os olhos em criança mais encantadora” (20-7-1873).*

*Loura, de olhos azuis, bonitinha, sorridente, precocemente atilada, viva, mui sensível, capaz de violentos rompantes, voluntariosa e perspicaz, Teresa logo veio a ser a predileta, “devorada de beijos” por toda a família; tanto mais amimada, quanto mais sentida era a sua ausência. “Em toda a minha vida aprouve ao Bom Deus cercar-me de amor; minhas primeiras reminiscências recendem de sorrisos e das mais doces carícias!...”*

\* Outra versão, do Pe. Luís Maria Alves Correia SJ (*História de uma Alma*, Porto, 1952):

“Sorri, cresce! à ventura  
Te chamam com ternura  
Amor, carinhos mil.  
Sorri à luz da Aurora,  
Botão que abriste agora  
Serás rosa gentil”.

*O pequeno mundo de Alençon não era idílico, mas bastante expansivo, de sorte que Irmã Teresa, aos vinte e três anos de idade, quando redigia por obediência as recordações de infância que vamos ler, pôde asseverar: “Ah! Quão rapidamente se foram os anos radiosos de minha primeira infância, mas que doce impressão não me deixaram na alma! (...). Tudo me sorria na terra. Deparava com flores a cada um dos meus passos, e minha boa índole também contribuía para que minha vida se tornasse amena” (Ms A, 11 v., 12).*

*A morte da mãe viria de modo brutal quebrar essa felicidade, e ocasionar a partida para Lisieux. Será, porém, a própria Teresa que no-lo contará...*